

O fenômeno literário

The literary phenomenon

 Rosalia dos Santos Albuquerque

 Antônio Máximo Von Söhsten Gomes Ferraz

Resenha do capítulo de CASTRO, Manuel Antônio de. O acontecer poético – a história literária. Rio de Janeiro: Antares, 1982. v. único, 145 p. (p. 61-76).

Este trabalho provém de um recorte do texto de Manuel Antônio de Castro, intitulado O acontecer poético – a história literária. O autor possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1966), também é graduado em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969), Português-Alemão pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997) e Filosofia pela Faculdade de Filosofia dos Padres Franciscanos (1964). Antônio de Castro é mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1973) e doutor em Letras (Ciência da Literatura)

Rosalia dos Santos Albuquerque. Mestranda em Letras-Estudos Literários no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL-UFFPA), graduanda em Letras-Português na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), graduada em Letras-Espanhol pela UFPA, pesquisadora membra do grupo de estudos de Narrativas de Resistência (NARRARES-UFFPA).

Antônio Máximo Von Söhsten Gomes Ferraz. Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará e do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma Universidade.

pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979). É pós-doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997) e atua como professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O acontecer poético é um trabalho publicado pelo autor no ano de 1982, e tem como objetivo a reflexão acerca da história literária. A obra é conformada por cinco capítulos que levam o leitor a refletir a respeito das questões que se dão na figura do *ente* – a figura do *ente* está diretamente relacionada ao sujeito num contexto do presente, mas não que não é permanente, ou seja se vai, o ente está, não é, é em suma, um estado não uma condição –, levando-o ao despertar de seu ser.

As das questões são o devir sempre em jogo que induz o sujeito a pensar a sua existência. Para Antônio Máximo Ferraz, no que diz respeito às questões, “nós tanto sabemos algo sobre elas quanto não sabemos, pois sempre estamos na liminaridade entre saber e não-saber o que elas são. É esta liminaridade, aliás, que nos destina à tarefa do questionamento [...]” (FERRAZ, 2010, p. 3). Neste sentido, pensando as questões, o capítulo III intitulado o Fenômeno literário, traz especialmente uma reflexão acerca da descoberta e da consciência, primeiramente da literatura quanto fenômeno e também traz a luz a reflexão no que diz respeito à consciência existencial do humano.

No referido capítulo, busca-se uma acepção do que seria o fenômeno Literário e o autor apresenta alguns caminhos para a tomada de consciência do literário como uma manifestação cultural e chama a atenção ao mesmo tempo, já que nem todas as manifestações culturais são propriamente literárias e “Como nem toda manifestação cultural é literária, coloca-se o problema da *especificidade do literário*, para um fundamentado de inter-relacionamento com o fenômeno histórico” (CASTRO 1985, p. 61).

Pensar a especificidade do literário requer um apreciar sensível, que se configura a partir da aceção da literatura como sendo uma forma totalizadora. Neste sentido, a literatura não deve caber numa definição cerrada do real e isso provoca um entendimento mais além, isto é, da literatura como uma especificidade que implica o homem, a verdade e a história e assim, a literatura conduz a uma navegação pelo desconhecido, como pode ser observado a partir dos aforismos em *Grande Sertão: veredas* de Guimarães Rosa, onde “Tudo é e não é” (ROSA, 1988, p. 5). É então em detrimento dessas conformações que se dão as questões e que emerge o produto literário, a partir das inquietações, do encontro entre o que se conhece e o que se desconhece até então sobre a consciência existencial como num outro trecho de Guimarães, que ressalva:

Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo o mundo.... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém! (ROSA, 1988, p. 5).

Assim sendo, o homem vê-se na dialética do conhecido e desconhecido ultrapassando-a, pois a existencialidade é mais do que essas duas margens, segundo Castro, é “um convite permanente para atingir a terceira margem” (CASTRO, 1985, p. 62).

Também sobre o literário, é importante dar-se conta de que este tematiza o real, não uma realidade específica. O real é o centro, não uma realidade isolada, no qual este não exclui nada no fenômeno literário, não privilegia o signo nem o conteúdo, mas os coloca numa mesma paridade, na qual a linguagem torna-se o centro articulador. “A Linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem. Os pensadores e poetas lhe servem de vigias” (HEIDEGGER, 1967, p. 24).

Ainda no que concerne à literatura como totalizadora, é importante mencionar que o fenômeno literário eclode sempre numa situação histórica-espacial-temporal – no sentido cronológico.

A partir do fenômeno literário de Antônio de Castro, apresenta-se o tópico “*A consciência literária da existência*” e a tematização da sua diferença, havendo uma relação direta com o tópico anterior. Mas ainda assim, a inquietação de – o que é a literatura?. Desta forma, buscamos pensar a literatura no sentido etimológico, na qual designa-se que o termo literatura “formou-se da palavra latina *Litera*, letra ou caráter da escritura (...) Arte de escrever e ler” (CASTRO 1985, p. 33). Através das reverberações presentes no tópico, infere-se que a literatura não deve ser considerada somente do ponto de vista do significado semântico da palavra. É como olhar para o rio e não o tomar somente pelo tamanho de suas margens, mas pensar que há profundidade que não pode ser definida sob o olho nu e superficialmente.

Em consonância com as acepções da consciência literária da existência, Antônio de Castro, discorre o tópico denominado “*A realidade ficcional*”, no qual explana-se o literário como sendo ficção – mas nem toda ficção é literária. O literário é uma realidade ficcional, e o contrário por sua vez, tem suas origens nas definições do verbo “*figiere*, que no contexto latino apresenta quatro acepções: formar ou modelar; instruir ou educar; imaginar; fingir ou dissimular [...] (CASTRO, 1985). Neste caso, essa irrealidade literária seria a reunião das quatro acepções. E por tanto, tem-se uma aclaração de porque não pensar a literatura tão somente a partir do viés artificial, pois nela também se conforma no imaginário.

No que concerne ao imaginário, este por sua vez se expande ou se projeta e essa projeção pode ser inferida a partir das tessituras de Castro, como sendo a realidade discursivo-literária. A realidade discursiva como meio, no qual aquele em que as questões se manifestam ou se dão,

é conduzido num limiar entre o que é e o que não é, ou seria o ser – que continuará sendo em outro sujeito, como por exemplo a respiração, no sentido biológico e continuará sendo em outros tempos – e o há – que está estritamente relacionado à existência, como o caso uma poltrona em uma sala de leitura, que um dia pode se deteriorar e deixar de existir.

Desta maneira, há o conflito que possibilita o desabrochar das questões no ser do poeta e se mostra nos poemas que surgem graças as questões manifestadas. Além disso, sobre a realidade discursivo-literário, é importante atentar-se ao que diz respeito à forma, ao meio. Assim, quando Castro ressalta o paralelo entre a realidade discursiva e o signo, este comporta-se como faceta, uma espécie de disfarce, do qual o produto literário lança mão. Neste sentido, caberia dizer que o ente, no qual as questões se manifestam e do qual emerge o produto literário, é consciente do *Signum Facere* que por ele é reproduzido nos seus poemas? *Ou seria o Signum Facere* o limiar entre o saber que não sabe?

Em conformidade com as proposições pensadas anteriormente, ou-saria pensar em um trecho, de verdadeiramente, de Fernando Pessoa,

Verdadeiramente
Nada em mim sinto.
Há uma desolação
Em quanto eu sinto.
Se vivo, parece que minto.
Não sei do coração
Outrora, outrora
(PESSOA, 1990, p. 137)¹

A realidade discursivo-literária, a forma, não estaria relacionada ao texto no seu sentido de tessitura, a realidade, é fingida no poema e que

1. Poesias Inéditas (1930-1935). Fernando Pessoa. (Nota prévia de Jorge Nemésio.) Lisboa: Ática, 1955 (imp. 1990), p. 137.

deve ser sepultada porque não sente nada, mas o nada na realidade é sentido na desolação, e de fato a sente exatamente como num outro trecho também de Pessoa, cujo poeta fingidor, finge a sua dor. Neste sentido, o poeta, no manifestar das questões, na sua crise ou reflexão relacionada a sua existência atrela-se a essas facetas. E a forma é o próprio texto – no sentido da sua profundidade –, não como vem o texto – a sua margem, ou melhor, sua estrutura estética.

Outro ponto importante a ser levado em consideração sobre o Fenômeno literário de Antônio de Castro, diz respeito à metáfora como funcionalidade funcional, tendo em vista sua importância no estabelecimento das comparações, do verdadeiro e não verdadeiro, como novamente a questão do ser – já explanada inicialmente – em *Mundo Grande* de Drummond de Andrade, por exemplo, quando trata sobre o coração que não é grande como o mundo. Não é possível ter um coração (órgão) do tamanho do mundo, mas há uma metáfora com relação ao sentimento, como quando se fala que destinamos um lugar especial em nosso coração para algo ou alguém.

Essas implicações surgem da transitividade entre o verdadeiro e não verdadeiro. Falando em coração do homem e a realidade, cabe mencionar aqui a importância das mimeses, que é a relação entre o signo e o real. O homem, para compreender a sua existência, enquanto sujeito, aplica categorias de literariedade à literatura e o faz por instituição da mimesis. De acordo com Castro, “o homem refere-se ao Ser, como a mimesis à poética” (CASTRO, 1982, p. 75).

Para finalizar, em se tratando da realidade, Castro encaminha para o encerramento do capítulo uma aproximação fantástica entre as realidades discutidas anteriormente – realidade ficcional, discursiva – com a realidade vivencial e salienta, que “o vivencial do literário se reflete em seus componentes discursivo-ficcionais” (CASTRO, 1982, p. 75). Isto é,

o existencial do homem é compreendido a partir do desvelar do mar desconhecido que a literatura conduz. Daí então finaliza complementando que o literário como realidade vivencial, implica ao homem um sentido de realização. Em outras palavras, a Consciência existencial.

Em suma, pensando a literatura a partir do tópico O fenômeno literário, de Antônio de Castro é possível inferir que a literatura e o homem apresentam características dotadas de sensibilidade, nas quais é quase impossível determinar a literatura sob a luz de categorizações pontuais/visíveis e igualmente é intangível a determinação da consciência existencial humana, se continuamos observando a humanidade a olho nu, sem a sensibilidade de imaginar a sua profundidade.

Referências

CASTRO, Manuel Antônio de. *O acontecer poético- a história literária*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

FERRAZ, Antônio Máximo, “O que é uma questão? ”. *Revista Litteris - Ciências Humanas – Filosofia*, vol. 6, nov. 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967. [*Ser e Tempo*. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. v. 1-2.].

ROSA, João Guimarães, “*Grande Sertão: Veredas*”. 36ª impressão, Editora Nova Fronteira, 1988.

PESSOA, Fernando: *Poesias Inéditas (1930-1935)*. (Nota prévia de Jorge Nemésio.) Lisboa: Ática, 1955 (imp. 1990), p. 137.

Recebido em: 16/07/2023

Aprovado em: 25/10/2023

Licenciado por

